

SUPLEMENTO CULTURAL

Sob a responsabilidade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Coordenação: Geraldo Ramon Pereira - Contato: (67) 3382-1395, das 13h às 17h | www.acletrasms.org.br

O pau-terra

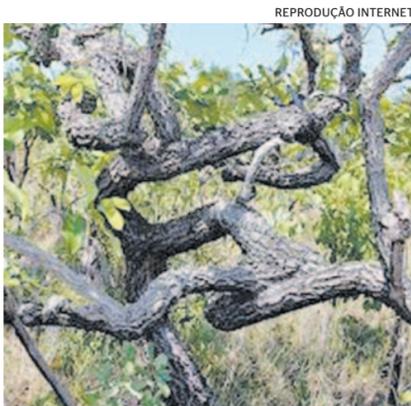
ULISSES SERRA - fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

(Do Boletim Rotary, de agosto de 1962)

Nerone, meu inteligente e nobre companheiro de Rotary, pede-me uma crônica para o nosso Boletim. Vou viajar dentro de horas, o tempo me é exíguo e ele pede-me pressa. Deixo-lhe uma das últimas páginas do poeta Aromita, Arnaldo Serra, meu pai. Ele viveu, servindo. Serviu-me extraordinariamente, continua a servir-me vinte anos depois de morto e ainda serve-me agora com esta página profundamente rotária, o Pau-Terra, que transcrevo:

“Olha, filho! Vê aquela árvore que lá se ostenta à beira do cerrado? Tem a casca cortiçada e é de múltiplos galhos tortuosos, de folhas alternadas e nervuras salientes, formas semiagudas e de flores amarelas em forma de pequenos cálices tubinados que esplendem na primavera. É o pau-terra. Só tem a aparência com que preenche o mundo vegetal.

Ousada como as demais árvores, floresce. Roseia-lhe as franças verdes o esplendor da aurora e rutila-lhe as formas, às vezes ma-



Pau-terra

“Semelhantes ao pau-terra, vegetam também certos homens [...]. De aparência exuberante, têm fragilidade que nunca inspira confiança”

Rápido enfoque sobre a formação de Campo Grande

OSWALDO ALMEIDA - Cadeira nº 3 da ASL

(Fontes: “O Município de Campo Grande em 1922”, Arlindo de Andrade; “O Município de Campo Grande”, de 1918, Rosário Congro; e “Formação étnica e demográfica”, Paulo Cabral, in “Campo Grande - 100 anos de construção”, 1999).

Como se sabe, o povoado de Santo Antônio de Campo Grande, fundado pelo mineiro José Antônio Pereira em 1872, quando, então com 47 anos de idade, aqui chegou em 21 de junho com uma comitiva composta por seus filhos Antônio Luiz e Joaquim, além de quatro “camaradas”, buscando terras devolutas para lavoura e criação de gado. Fixaram-se na confluência de dois córregos, que viriam a ser denominados Prosa e Segredo, ali construindo pequeno rancho, a primeira moradia erguida na futura Cidade Morena. O que é hoje a nossa capital, ganhou emancipação político-administrativa em 26 de Agosto de 1899, quando ostentava o status de Vila. A área do município, quando de sua emancipação, totalizava cerca de cem mil quilômetros quadrados (hoje possui pouco mais de 8.000). Em 1923,

ano da publicação de um pequeno livro organizado por Arlindo de Andrade, então intendente municipal (prefeito), detinha mais de 65.000 quilômetros quadrados, ainda um imenso território limitando-se com os municípios de Coxim, pela Serra de São Domingos, ao Norte; com Nioaque e Ponta Porã, pelos rios Brilhante e Ivinhema, ao Sul; com o Estado de São Paulo e o município de Três Lagoas, pelos rios Paraná e Pardo, a Leste; e Aquidauana, pelos rios Aquidauana e Cachoeirão, a Oeste. Como se vê, seus limites iam até os rios Paraná, Ivinhema, Brilhante, Cachoeirão e Pardo.

A partir de 1899 foram sendo emancipados vários municípios, desmembrados de Campo Grande: Rio Brilhante, em 1929 (dele originaram-se Nova Andradina, Bataguassu e Nova Alvorada do Sul); em 1943, Ribas do Rio Pardo; em 1948, Rochedo; por fim, em 1953, Sidrolândia, Terenos e Jaraguari (deste desmembraram-se Bandeirantes e São Gabriel do Oeste).

Sua formação étnica é muito variada. Supõe-se que, originariamente, o território tenha sido ocupado pelos povos caiapó, guarani e te-

jestosas, o loiro filho de Latona, do seu carro fulgurante. No entanto, nenhuma utilidade tem. Diferente das árvores vizinhas, que frondejam no mesmo sítio, absorve pelo rizoma do gavião, viciado, a terra que lhe ascende ao caule, advindo-lhe, daí, a alcuha, que lhe emprestam, de pau-terra.

A marcenaria e o próprio lenhador não lhe reconhecem utilidade alguma. Dizem que a própria cançuço, acossada pelo cão do sertanejo caçador, acua-se por baixo dele, na impossibilidade de prosseguir na fuga. Deixa-se vencer pela lazarina, mas lhe recusa a fragilidade dos galhos. A seriema retardatária no buscar o pouso empoleirase na lixeira que fica ao lado. Ave nenhuma lhe procura os ramos para a confecção do ninho. Nem o sertanejo exausto de longas caminhadas alça nele a rede cabocla repouante e embaladora.

Semelhantes ao pau-terra, vegetam também certos homens no mundo social. De aparência exuberante, têm a fragilidade que nunca inspira confiança e, no íntimo, a terrosidade do seu caule. Nunca servem aos seus semelhantes. Omitem-se. Esquivam-se. Embuçam-se na carapaça do egoísmo. Entretanto, florescem, como tudo, na primavera da vida e infelizmente se confundem na multidão que passa. Confundem-se com seus concidadãos úteis à Pátria e à Humanidade, que sonham, trabalham e servem.”

rena, este de forma mais acentuada. Iniciada sua ocupação pelos pioneiros vindos de Minas Gerais, a eles se somaram, na medida em que a povoação se tornava conhecida em outros rincões, goianos, paulistas, nordestinos, etc., vindo depois, no final do século XIX e início do séc. XX, em grande número, imigrantes japoneses da ilha de Okinawa, e europeus, como portugueses, italianos, espanhóis, alemães, etc., bem como sírios, libaneses, turcos, armênios e outros.

Comparando-se as populações das três maiores cidades de Mato Grosso, pelo censo de 1950, tinha-se o seguinte: Campo Grande, 31.708 habitantes; Cuiabá, a capital do Estado, 23.745 habitantes, e Corumbá, 18.725 habitantes.

As incipientes indústrias foram iniciativas desses imigrantes, como o primeiro pastificio, do italiano Miguel Letteriello, nos anos 1940, a Padaria Hespânica (grafia da época) e outras. O comércio tinha predominância de libaneses, sírios e armênios. Os japoneses abasteciam a cidade com a produção de hortigranjeiros em chácaras nas cercanias da cidade.

Dois fatores que deram grande ênfase ao crescimento da cidade foram a chegada da ferrovia Noroeste do Brasil em 1914 e a instalação dos quartéis do Exército, trazendo grandes contingentes militares.

Notícias da ASL

1. HENRIQUE DE MEDEIROS INTEGRA ENCONTRO DE ACADEMIAS DE LETRAS EM GOIÂNIA – o escritor e acadêmico Henrique de Medeiros, atual presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, participou do Encontro de Academias Estaduais de Letras: Painele Literário do Brasil-Central e Convidados (que aconteceu de 19 a 21 de outubro em Goiânia-GO, na sede da Academia Goiana de Letras). No dia 20 de outubro, às 14h30min, compôs a mesa-redonda: “Oportunidades a ameaças enfrentadas pela literatura diante das novas mídias e os suportes”, discorrendo sobre este tema.

2. RUBENIO MARCELO PARTICIPA HOJE DE FESTIVAL INTERNACIONAL DE POESIA NA ARGENTINA – o escritor e acadêmico Rubenio Marcelo encontra-se na Argentina, onde desde o dia 20 de outubro mantém agenda de contatos e interações com intelectuais influentes na cultura local e, na noite de hoje (22), a partir das 19h – juntamente com outros poetas também convidados –, participa do FIP Parque Chas Luis Luchi – II Festival Internacional de Poesia, importante evento latino-americano de cultura e arte poética que acontece em Buenos Aires. Na ocasião apresentará poemas autorais, especialmente do seu livro “Vias do Infinito Ser”, e falará sobre literatura e poesia.

3. CHÁACADÊMICO DA ASL – acontecerá excepcionalmente na segunda-feira (24), às 19h30min, mais uma edição do Chá Acadêmico da ASL, que terá a presença do fotógrafo Roberto Higa, palestrando sobre a Divisão e Implantação do Estado de Mato Grosso do Sul, com selecionada projeção de fotos expondo historicamente o tema. O evento, aberto ao público, será na sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, na Rua 14 de Julho, nº 4.653, Altos do São Francisco, CG/MS.

+POESIAS

Espelho meu

Meu espelho está enfadado da verdade que o olho vê.
Seu reflexo desbotado
O tempo corroeu
o aço de seu avesso.
Sorrio para ele
na maquiagem colorida.
Assim fica menos dóida
na moldura do tempo,
em voragem cinzenta,
sem perdão e alento
que oculta passagens
na face e no olhar.
Deixo-o sozinho a refletir
objetos banais.
Carrego minha imagem
lúcida e fugaz, sem esperar
o seu conselho.
Perguntar!.. Não me atrevo.
“Espelho... Espelho meu!”

ELIZABETH FONSECA

Sorriso ator

quem aprecia o meu sorriso ator
não concebe que como o artista
de teatro ou circo
ele também pode estar
muito triste
escondido atrás de alvos dentes
como eu estou agora
neste ato da vida

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

O Poeta(r)

Poeta(r), poema(r), poetizar
É como fazer pose no papel
O sono das rimas
Alimenta a modernidade
Dos meus versos
Palavras que bebem
O vinho insone
Letras trôpegas, serenadas
Serenatas de nuvens
Que transformam as linhas
Em coitos interrompidos
Minhas pálpebras
Forçam-se a abrir-se
A noite é mais que uma criança

MARCOS ESTEVÃO

Poupança de felicidade

Bendigo esses momentos de amor puro
Em que juras me amar alucinada...
Bendigo cada prece em que a ti juro
O quanto te amarei nessa jornada!

Bendigo meu passado e meu futuro,
Pois és meu próprio tempo! E eis que sou nada
Quando teu sol se vai, deixando escuro
Meu deserto de noite inconsolada...

Bendigo tanto nosso amor-loucura,
Há nele tanto saldo de doçura,
Tão feliz já nos fez o conviver,

Que, se um mal separar-nos bem agora,
Talvez a dor nos chegue com demora,
Pois há felicidade até de haver!...

GERALDO RAMON PEREIRA

Biografia do orvalho

A maior riqueza do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado. Palavras que
me aceitam como sou — eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito
que abre portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que compra pão
às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.

MANOEL DE BARROS

A vã guarda (11.11.1983)

SÉRGIO FERNANDES MARTINS - Cadeira nº 32 da ASL

cenário: barzinho qualquer onde se reúne a pseudointelectualidade de campo grande.

personagens: dois amigos meus conversando madrugada adentro depois da décima primeira cerveja. o papo era mais ou menos esse:

– pouco a pouco – disse o primeiro – vamos tomando conhecimento do enorme vazio que há no mundo. o segundo suspirou:
– sim, é verdade... – um vazio – continuou o primeiro – que nos deixa profundamente nostálgicos – repetiu o outro.

o primeiro passou lentamente a mão pelo rosto, melancólico:

– eu, por exemplo, sofro a nostalgia da *archaeopteryx*. há uns 140 milhões de anos ele era um belo pássaro e agora está morto...

– morto... – repetiu lugubrememente o segundo.

– e me punge o vazio que ficou em seu lugar.

– como o vazio da *hesperornis* – disse o segundo.

e o primeiro, balançando tristemente a cabeça:

– é verdade. também me fere a ausência do *hesperornis*, o grande nadador. sim, o mundo está ficando cada vez mais vazio.

– dolorosamente vazio – disse o segundo.

– e o *diatryma*? Ah! que falta imensa ele faz!

– sim, o *diatryma*. há 60 milhões de anos ele corria livremente pelas planícies da América do norte...

– ave soberba! nenhuma igual a ela!
– nenhuma. nem mesmo o *phororhacos*, que corria pelas planícies da América do sul.

– ah! que imenso vazio vai se alargando no mundo!... – suspirou o segundo, depois de tragar fundo o cigarro.

– ah! que saudades que tenho da brisa do mar, tão distante daqui. nela também há um grande vazio. há 44 milhões de anos era outra coisa aspirar a brisa marinha onde hoje é o pantanal.

– nada como a brisa do mar do período *siluriano*, nela podíamos adivinhar, por exemplo, os *nautiloides*.

– e os *branquíópedes* com suas conchas estriadas – murmurou o outro.

– é verdade...ah! o leito do mar, com imensos bancos de coral semelhantes a favos de mel e tufo de flores, lembra-me sempre um jardim.

– um jardim! um incomparável jardim repleto de antiquíssimos lírios-do-mar!

– incomparável! incomparável!

– como eu sofro esta saudade! a brisa do mar já não traz sugestões como antigamente, está ficando vazia.

– cada vez mais vazia.

– já não faz tremer à lembrança dos *tilos-sauros*.

– nem meditar sobre a aberração do *pteranidon*.

o primeiro amigo balançou a cabeça tristemente:

– o mundo está cada vez mais sem graça, mais vulgar...

– cada vez mais pobre – disse o segundo.

– eu me sentiria imensamente feliz se pudesse colher, agora, um *siluriano lírio-do-mar* – disse o primeiro.

– eu também – suspirou o segundo. e a cortina fechou-se sobre o palco campo-grandense, cada vez mais vazio.